

Poetas?

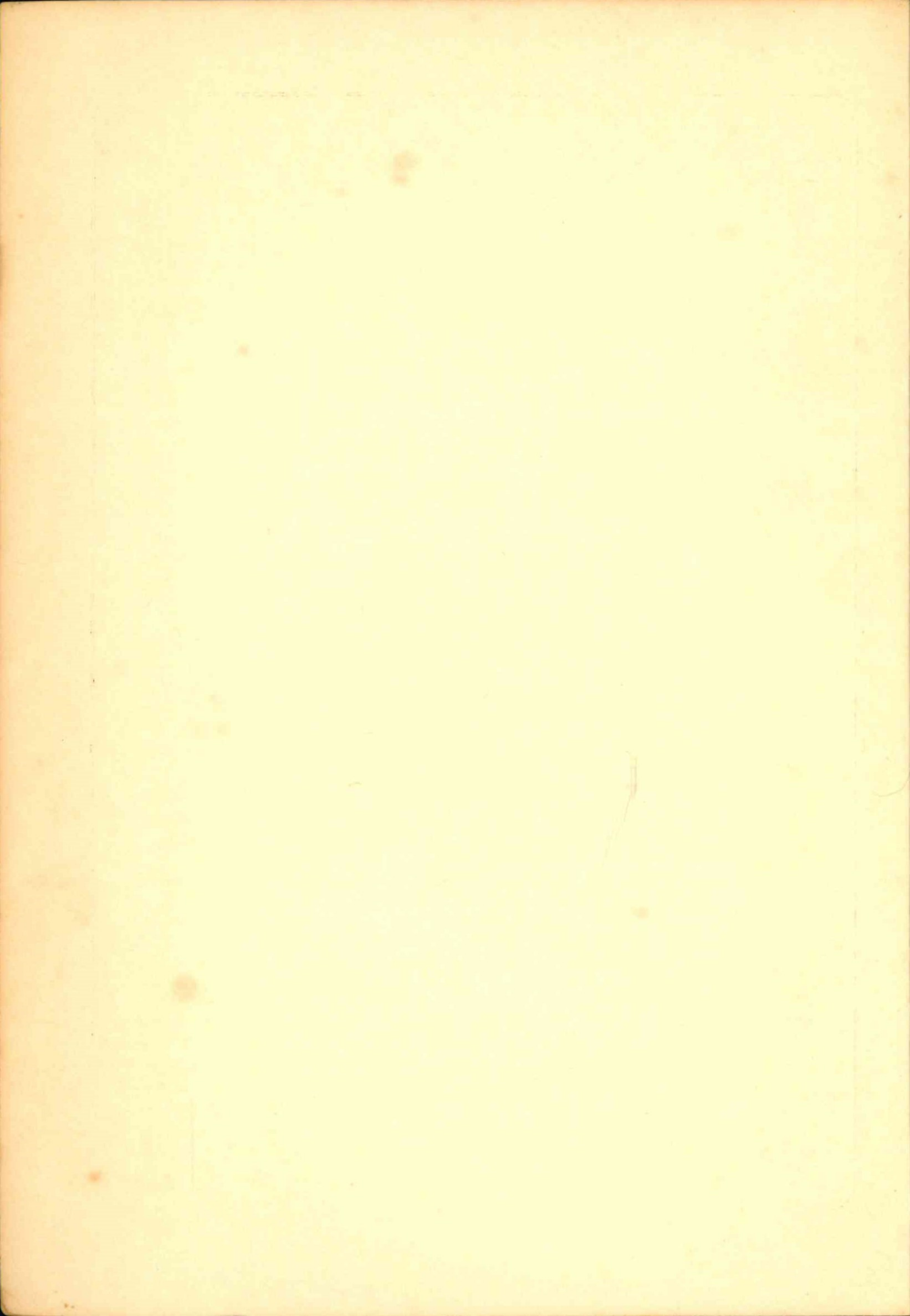
Quantos!...



Antologia Poética dos
Alunos da Escola Secundária de Arcozelo
BARCELOS – 1981



3)
21.134.3-1 AZ
OE



Poetas?

Quantos!...



**Antologia Poética dos
Alunos da Escola Secundária de Arcozelo**

BARCELOS - 1981

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 59549

Declaro

...então!



Antologia Poética dos

Alunos da Escola Secundária de Alameda

BARCELONA - 1951

BIBLIOTECA MUNICIPAL

25243

As PESSOAS cujas coordenadas da vida se cruzaram no espaço-tempo (restrito demais) da Escola Sec. de Arcozelo - Barcelos.

Muito especialmente, aos alunos/as que se bateram na batalha de «Poetas? Quantos!...»

AGRADECEMOS SINCERAMENTE:

AO CONSELHO DIRECTIVO:

pelo estímulo e apoio financeiro.

AO JORNAL «O ESTUDANTE»:

pela divulgação desta iniciativa.

Um cantinho imprescindível para a:

Guida

Corina

Albino

Duarte

José António

pelo (grande) esforço anónimo (sempre) posto na realização,
de «Poetas? Quantos!...»

PREFÁCIO POEMA

Poeta é o Povo! — Sem condicionantes reticentes. Sua obra é o POEMA — simbiose plena do tempo no espaço: semente e raiz, borbulha e flor, fruto e semente... POVO-POEMA: fonte rejuvenescente do guerrilheiro cansado; caminho da LIBERDADE apetecida... SEMPRE.

E o POEMA está em nós: Poema-Miragem... Oh, se fizéssemos as palavras do POEMA que nos corre no sangue!... Se O fotografássemos para mostrar a todos o seu colorido!...

Suar permanentemente a INVENÇÃO das palavras, para fixar o POEMA, é um acto de grande CORAGEM. Mas, mais corajoso ainda é o acto de começar a CRIAÇÃO.

Perto de centena e meia de mulheres e homens jovens praticaram esse acto em «Poetas? Quantos!...» Sim! «Poetas? Quantos!...» é, antes de tudo, um esforço colectivo de criação, de pensamento livre expresso em mais de duzentos poemas, um sonho, uma aposta, um OBJECTIVO cumprido: UM POEMA. Perfeito? Não! (Perfeitas são as toupeiras...) MAS POEMA-SEMENTE.

Que «Poetas? Quantos!...» se não amortalie nas suas formas! Que a SEMENTE cresça raízes e amadureça frutos nos anos vindouros!

Porque Poeta é o Povo. A sua obra é o POEMA: POVOPOEMA, guerrilheiro da LIBERDADE... E FAZER as palavras do POEMA que trazemos no sangue é um acto de CORAGEM.

Barcelos e Escola Secundária de Arcozelo, 4 de Junho de 1981

António Manuel Rodrigues da Mota

PREFACIOPOEMA

Hoje é o Povo! — Sem condicionantes técnicas. Sua obra é o POEMA — simbólica plena do tempo no espaço: sempre e toda, por isso é flor lírio e semente... POVO-POEMA: fonte rejuvenescente do espírito. O POEMA está em nós: Poema-Mitoema. Os se libertando as palavras do POEMA que nos correm no sangue! Se O fotografarmos para mostrar a todos o seu colorido!

Sua permanência a INVENÇÃO das palavras para criar o POEMA é um acto de grande CORAGEM. Mas, mais corajoso ainda é o acto de começar a CRIAÇÃO.

Perto de sempre a meia de mulheres e homens jovens praticando esse acto em "Poemas? Quantos! — Sim! — Poemas? Quantos! — 4, três de tudo, um esforço colectivo de criação, de pensamento livre expresso em mais de dezentos poemas, um sonho, uma aposta em OBJECTIVO comum: UM POEMA. Porque? Não! Porque são os poetas! MAS POEMA-SEMENTE.

Que "Poemas? Quantos! — se não acontece nas suas formas! Que a SEMENTE esteja lá: e mande-nos flores nos seus rebentos!

Porque Poeta é o Povo. A sua obra é o POEMA. POVO-POEMA, que o espírito da LIBERDADE. E FAZER as palavras do POEMA que transcorrem no sangue é um acto de CORAGEM.

Batidos a Escola Secundária de Arcozelo, 4 de Junho de 1981

António Manuel Rodrigues de Azeite

«Flores»

Ali... cá... lá...
flores escolhidas num montinho,
São boas!... São más...
São lindas flores do Minho!...

Branças, rosas e lilãs
cravos, muito vermelhinhos,
pé alto, folhas delgadas,
São lindas flores do Minho!...

No pomar, na horta,
no campo ou num raminho!...
Há flores por todo lado!
São lindas flores do Minho!...

Flores a esmagar, pela Páscoa,
pela Páscoa, no caminho...
Rosas, cravos e feitelhas,
São lindas flores do Minho!...

Uma pessoa a correr,
uma outra a abraçar!...
um cravo a oferecer
e uma rosa para dar!...

Vitor Figueiredo — 1.º S.R.P.

«Juventude»

A Juventude vai
renascer a
juventude vai crescer,
a Juventude não vai
ser como o Outono:
não vai viver em
dias cinzentos!
vai resistir a todos
os ventos que
sopram para a destruir!
Não vai ser como as folhas
que caem por terra,
não vai ficar gelada
pela neve que cai
na serra.
A Juventude vai
ser como a Primavera:
onde há flores
de todas as côres,
crescendo em liberdade!
Que dão o perfume e
frescura e quando
secam deixam
saúde.
A Juventude vai
florir, sim florir
com todas as côres,
não vai secar,
não vai deixar
saúde!
A Juventude vai
dar as mãos cantar
cantar bem alto
em todo Mundo
O HINO DA LIBERDADE.

Domingos Ribeiro Pereira — 1.º S.R.P.

D. Mariquinhas

Se tudo o que se faz
Com amor não é pecado,
Porque com mulher de outro
Não pode andar o papado?

O missal é decorrido
Vai o sermão começar,
Acompanhada do marido
D. Mariquinhas a entrar.
Lindo sorriso nos lábios
E muito bem vestidinha,
Com seu casaco de peles
À custa do Reitor Sotaininha.

Lindos e inocentes «caracóis»
Traz na cabeça o marido,
Que de tão grandes e loiros
Se vão torcendo ao comprido.
Diz-se que o pecado condena
Estes amores sagrados,
É sempre a coisa mais pequena
Que estraga a vida ao papado.

Maria da Conceição de Araújo — 11.º ano

Até onde chega a nossa paciência!

Todos juntos lá na sala,
Impondo suas ideias,
Professores de horas meias,
Modificam nossa fala.

As mulheres são todas feias,
Eles trazem todos mala.

O aluno bate a pala,
E constrói as suas teias.
Leva cábulas nas meias,
E lá dentro não se fala.

As mulheres são todas feias,
Eles trazem todos mala.

Entram à frente na sala,
E dizem: quero que leias!
Depois ficam nas areias,
Mexendo nas suas malas.

As mulheres são todas feias,
Eles trazem todos mala.

P'ra dar notas não se fala,
Antes fazem cara feias (e dizem):
— Não colhes se não semeias.

Não darei notas à pala.

As mulheres são todas feias,
Eles trazem todos mala.

Teresa Maia Senra de Azevedo — 11.º ano

Saúde (?)

Um dia,
por uma unha encravar,
o Zé ao hospital
foi parar.

No hospital tanto andou
que por azar seu
numa casca de banana,
o desgraçado escorregou.

Pr'a urgência
o levaram
mas mais devagar
que tartarugas andaram.

Muitas radiografias
o mandaram tirar
e muito mais
lhe pediram para esperar.

Depois de alguns
meses ter esperado,
lhe disseram
que a sua vez, tinha chegado!...

Mas por uma
unha ter esperado,
o Zé muito mal
foi acabar!

Pois em vez —
de ser tratado
o coitado,
teve de ser enterrado!...

Para o enterrar
a sua família aflita se viu...
pois número de contribuinte
ele nunca possuiu!

José Manuel Morais Costa — 11.º ano

Escravas da Moda

Vestidos longos ou pernas à mostra
Caia neve, ou calor que tosta
Não importa o que se gosta
O que importa é estar na moda

Tenham rachas ou decote
Seja bom ou mau o corte
Não importa o que se gosta
O que importa é estar na moda

Saltos altos ou achatados
Cintos largos ou fios atados
Não importa o que se gosta
O que importa é estar na moda

Evite-se o pão, goste-se ou não
Ser elegante eis a razão
Não importa o que se gosta
O que importa é estar na moda

Maria de Lourdes Gomes Araújo — 1.º 1.ª S.R.P.

«Sociedade Podre»

Quando no meu tempo de ócio
me dedico a meditar,
tantas vezes me pergunto
onde é que isto vai parar!

Por um lado as crianças
que me levam a pensar;
custa mais aprender a ler
do que aprender a fumar.

Por outro lado os adultos
com suas complicações,
tanto ódio, tanta guerra,
anda tudo aos encontrões.

A descarga social
também não podia faltar,
uns sem nada para fazer
outros matam-se a trabalhar!

A Sra. D. Mimi
como não podia deixar de ser,
não conhece o trabalho
todo o seu tempo é de lazer!

Certos «professores» esses sim!
têm umas basófras tais,
que quantas vezes não sabem
serem bons profissionais.

Fernanda Freitas — 11.º ano

« Apelo a uma prostituta »

Não, não é solução
O caminho que julgas ver.
Não! Foge da escuridão,
Mas sem teres que escolher
Uma falsa profissão
Em que irias arder.

Mulher sê o que és!
Valoriza-te!
Não queiras ser explorada,
Quando podes ser amada.
Não queiras mergulhar num mundo
Em que só há ilusões,
Não queiras ver o seu fundo,
Um fundo de podridões.

Luta, luta de cabeça erguida!
Luta, que vencerás
E não mais serás
Uma mulher perdida.

Pensa no dia de amanhã
Em que a velhice às tuas portas baterá.
E' então tu, mulher explorada,
Chegarás à triste conclusão
De que não serviu para nada
Essa triste solução.
E então sentir-te-ás
Queimada,
Esfarrapada,
O resto de uma profissão
A que não disseste NÃO.

Só depois, velhinha, chegarás à conclusão
Que a prostituição é corrupção
E que o caminho certo,
Seria a conversão!
Não! Não estendas a mão
A quem não te dá o coração.

M.^a de Fátima Lopes Pereira — 11.º ano

No meu sonho de liberta ansiedade

No meu sonho de liberta ansiedade,
Construi uma vida de esperança
Que passa para lá da eternidade,
Onde só tem marionetes e dança.

Cavalgando no meu cavalo branco
Aprofundei meus olhos no espaço,
Vi surgir ao longe uma estrela
que por sinais me mandava um abraço.

Transformei-me em nuvem dissipante
Alimentado pelo desejo ardente
De ter uma vida palpitante
E gozar meus dias de contente.

Tudo é simples suave e meigo
Como criança humilde e amorosa
Lá na terra eu era apenas leigo
Com vida futura duvidosa.

Mentiras hipócritas passam por verdade
A riqueza busca a ambição
O povo grita liberdade
Paz e amor buscam condição.

Manuel de Oliveira Faria — 2.º/S.R.P.

A m o r

O amor é um espaço reservado
Às vezes aberto às vezes fechado
É um sol enorme e brilhante
que gela ou aquece conforme
o instante
É um tempo exacto numa
hora incerta
É um muro branco numa
porta aberta
é um mundo novo que
nunca morreu
sendo nós os dois, és tu e sou eu.

Rosa Maria Faria Adolfo — 10.º Ano

Mal o padre vai para o altar

Mal o padre vai pró altar,
Começa logo a chatear:
«Neste mundo nada é bom,
Temos muito que rezar.»

Seu dever é ensinar
E não ter de o ouvir
Quando começa a pregar
Tendo nós de fugir.

«Por essas televisões,
Nada há que se apresente
Só programas escandalosos
Que corrompem toda a gente!

A podridão, deste mundo,
Sente-se cada vez mais
Aumenta o progressismo,
de que já todos falais.
O Povo religioso
D'outrora é que era bom!
Seguiam minha palavra,
dando-me sempre a razão.

O que ensinam nas escolas
Que pervertem vossos filhos,
É preciso ter cuidado,
Não venham com mais sarilhos!»

Se pensam «levar» os novos
E julgar, muito em vão;
Têm os olhos abertos,
Não ouvem só o sermão.

Maria de Fátima A. Silva — 11.º Ano

Doente sofre o mal

Por doença enfadonha
ando eu preocupado
fui ao médico
e mandou-me ao advogado.

De advocacia
não era meu mal
porque dali a dias
estava no hospital.

No hospital
não havia lugar,
fiquei no corredor
a ver os outros passar.

Como piorei,
mandaram-me para casa;
não beber vinho
e da galinha comer a asa.

Com esta dieta,
de fome morria
pois eu sem vinho,
viver não conseguia.

Mas de repente;
fiquei mesmo mal
e no mesmo dia
fui para o hospital.

Num corredor
fui acalmado,
à espera de vez
para ser operado.

Cinco meses passaram
e eu na minha vez;
até que um dia disseram
que só faltavam três.

Meu mal não sabiam
por isso fui operado;
o médico enganou-se
e fui autopsiado.

Maria do Carmo Alves Coutinho Martins — 11.º ano

A crítica que vou fazer

A crítica que vou fazer,
Não sei se possa ter
Motivos de reflexão!
Crítico o ponto,
Crítico tudo,
Crítico as notas que me dão.
Sou como quem faz projecto,
Como sendo arquitecto,
Dum prédio sem fachada,
Sem portas,
Sem janelas,
Que para subir não tem escada.
Digo à Rosa, à Maria,
Que chumbei mas sabia,
Criticando o professor.
E à mesa do café,
Perna alçada, baloiço o pé
Num gesto ameaçador;
Cigarro na boca enfiado,
Criticando o criticado,
O justo e muito digno professor.

Teresa Faria — 11.º ano

«Meninas-Bem»

Tantas, tantas que pr'aí há!
Essas meninas bonitas
Que, mesmo sendo bem feias
Se vestem todas catitas,
Dizendo lá das arreias:
— «Melhor que eu, não há!»

E como agora é moda,
Aprende-se na televisão,
Desgraçadinhos daqueles
Que abaixo delas estão.

Se lhes dizem uma graça,
Qualquer uma ao deus dará,
Lampreiras elas respondem:
— «Não me chateie, tá?»

As amigas «pobretonas»
Elas falam com desdém,
Não se lembrando que um dia,
Poderão sê-lo também.

Professores elas criticam,
Muito cheias de razão:
— «Nossa, que fato piroso;
morra lá a profissão!»

Assim vou eu terminar,
Esta crítica de construção.
Digo: «melhor que ser rico
é viver com coração».

Por isso meninas-bem,
Estarei eu certa ou não?
Não digais, para cúmulo,
Que eu não tenho razão.

Albertina América de Sousa Moreira — 11.º ano

Marcianos

Uma nave
Dirige-se para a terra.
Vem de Marte
e vem carregada.

É um ovni!
É uma estrela!
É um cometa!
É o superman!
— diz-se —

Desce um marciano
que era verde
E dirige-se ao povo:
— É tudo imaginação vossa !!!

Ant.º José da S. Figueiredo — 10.º ano

Albertina Amorim de Sousa Moura — 11.º ano

«A nossa Sociedade»

Não sei ler nem escrever,
mas sabe o patrão;
os seus filhos vão à escola
e os meus não.

O rico gasta o dinheiro
do povo trabalhador,
o dinheiro que é o fruto
do seu trabalho e suor.
Quem apoia o patrão
na nossa sociedade
é um grande aldrabão
pois não fala verdade.

Quando dizem que no mundo
não pode haver igualdade
estão a apoiar o patrão
como rei da sociedade.

P'ra que isto não aconteça
e p'ra que não nos falte o pão,
é preciso que lutemos
pois nós temos razão.

Aurora Martins Gomes — 11.º ano

Hum?

- Minha senhora?
— Hum?
— Estou aqui para fazer
 Uma consulta nesta Hora.
— Hum!
— O médico eu quero ver,
 Tenho dores por todo o lado;
— Hum!
— A cabeça tenho a doer,
 Tenho este braço quebrado.
— Hum?
 Não sabe como sofro,
 Quase não posso andar.
— Hum?
— Tenho nas costas uma dor
 E nem me posso sentar.
— Hum?!
— Qual é a porta então
 A que me devo dirigir?
— Oh! Peço-lhe perdão;
 Eu não estava a ouvir!...
 Pode repetir?
— Hum??!!

Adelino Santos — 11.º ano

Solidão

Solidão, quem te quer?
Os ricos por terem tudo,
Ou os pobres por não terem nada?

A solidão é boa, é nossa amiga.
Faz lembrar recordações,
Boas ou más?
Tanto faz.

Sózinha, a solidão não é nada,
Juntando-se a nós é tudo.
É um complemento,
De que eu me sustento.

A solidão faz milagres;
Junto com o homem,
Pode fazer saudades.

A saudade é bonita
Nas noites de luar
A solidão pode fazer
Muitas vezes a verdade.

Fernanda Carvalho — 10.º ano

Homens que se dizem Santos

Homens que se dizem santos
São como corvos negros,
Só sabem falar dos outros
E nunca guardar segredos.

Falam sem nada dizer,
Fazem sermões de espantar;
Só lhes falta aprender
Maneiras de mais roubar.

Enganam burros e parvos
Com o seu lacrimoso discurso,
E alguns que se dizem espertos
também acreditam no urso.

A família é sagrada,
Dizem eles com ironia,
Não vás ao planeamento
Deixa isso para outro dia.

Benvinda Carvalho — 11.º ano

Abre os olhos Joaquim

Abre os olhos, Joaquim!
Não te deixes enganar,
pelos grandes imperialistas
que só te querem roubar.
Prometem-nos seguro de colheitas,
mas que seguros são esses?
são as promessas feitas
pelos senhores burgueses,
para tu não te revoltares.
Põe-te alerta, Joaquim!
Dizem que vão melhorar,
põem tudo a subir,
os grandes a engordar,
os salários a diminuir!...
Para o povo se calar
dizem que baixam a inflação.
Aumentam-nos os impostos
para nos roubar o pão.
Cuidado Joaquim!
Fizeram tantas promessas
que o povo se iludiu,
enriqueceram os burgueses,
o povo já faliu.
Prometeram o crédito par
dizem que é para o rendeiro,
os grandes a enriquecerem,
os pequenos sem dinheiro!...
Este crédito par
até deu na televisão,
para o povo se confiar:
estavam a chegar as eleições...
NÃO TE ILUDAS JOAQUIM!...

Vitor Figueiredo — 1.º S.R.P.

Senhor Presidente

Senhor Presidente,
Senhores deputados,
Estais aí sentados
E eu de pé sorridente.
Mas do Governo vou falar
E eu vos quero elucidar,
Não estou nada contente.

Por isso vos quero dizer
Tudo o que não sabeis
E o que já sabeis
Aqui o quero espremer
Pois o povo quer ouvir,
Se enganado se não sentir,
Que desprezado está a ser.

Penso que com clareza
Expus o que queria dizer.
E se alguém não o entender
O saberei com tristeza,
Pos precisa esta Nação
De cultivadores da razão.
Fim de citação.

Adelino Santos — 11.º ano

Cá p'ra mim

Cá p'ra mim,
o português
é o ser mais vaidoso e teimoso
Que há neste mundo sem fim.

E na moda, então sim!...

Mesmo com vento intenso
e o Inverno gelado,
anda sempre em cabelo,
fresquinho e aperaltado.

Em política, imaginem!...
Nem vale a pena falar:
Pensa, discute, resolve,
Mas nada se vê melhorar.

No palácio de S. Bento
que mais se pode fazer?
Os pássaros e carneiros
Só lá vão o papo encher.

Buscando melhor vida,
ao estrangeiro vai parar.
O produto de sua lida,
muitas fendas vem tapar.

Graça Gonçalves — 2.º S.R.P.

A Sociedade

Há males na Sociedade
que ninguém pensa combater;
cada qual na sua idade,
só a barriga pensa encher.

As pessoas lutam
para os seus poder ajudar,
outras para elas olham,
só pensando em criticar.

Há os que trabalham
e os que andam a criticar,
estes só lutam, lutam
para boa vida levar.

Criticam quem trabalha.
Se estes deixam de existir,
são obrigados a comer palha
para a vida não lhes fugir.

Comem o suor dos outros,
levam uma vida indecente
depois, cometem erros,
ao pensar que já são gente.

Eu gostaria de ver
os que costumam criticar,
mostrar o seu saber
com uma enchada a trabalhar.

Palmeira Esposende — 11.º ano

«Visão do mundo pela terceira idade»

Vejo, mas não acredito
Neste mundo em evolução,
Este progresso maldito
Modifica a nova geração.

Para o cumulo do espanto,
Que um velho possa ter,
Vejo coisas que entretanto
Me fazem emudecer.

É possível que tudo isto
seja da minha imaginação.
Por mais que tenha visto
As pessoas não eram o que são.

Tudo isto me scandaliza
E faz mal à minha visão.
A vida já me horroriza,
O mundo não tem nada de bom.

M.^a Conceição Costa Alves Faria — 11.º ano

«Estrela minha»

Olhando o firmamento
Uma linda estrela eu vi.
Contigo no pensamento
Continuei pensando em ti.

Tão bela, tão formosa,
Com um sabor a perigo.
Tão bela tão graciosa
Era parecida contigo.

Estrela minha que fugiste,
Apagou-se a tua chama clemente.
Tão cedo me iludiste
Repousarás em mim eternamente.

E para sempre serás
A minha Vénus errante,
E ao mundo mostrarás
Como eu sou teu amante.

José Joaquim da Costa Miranda — 10.º ano

O Padre e o pecado!

Certo cura com anéis
tinha um jeito especial,
ao falar para os fiéis
na igreja vespéral.

E pregava o padre cura
ao rebanho tresmalhado:
— «S'ó cristão quer salvação
que se fine confessado!»

Mas tal fim celestial,
não importava a ninguém.
Dizia tudo afinal:
— «O pecado sabe bem!»

No fim, eis o resultado:
andava o cura também
c'uma beata amantizado!
e o povo dizia: — «Amén!»

M.^a Fernanda Maia de Areia — 11.^o ano

Crítica aos Médicos

Nos médicos de hoje em dia,
não se pode ter confiança.
Se um doente se queixa da barriga,
receitam para a garganta.

E se o médico for da caixa,
o caso torna-se pior,
pois se o doente está a morrer
e ele diz que está melhor.

Marca-se a consulta pró médico,
só se a tem pr'a dali a um mês.
Quando se chega à altura,
o enterro já se fez.

No país há muitos médicos,
sendo na maioria mal formados.
Se lhes surge um caso sério,
ficam logo atrapalhados.

Os médicos dos hospitais,
usam batinhas brancas
e aqueles que são casados,
escondem as alianças.

Vai uma pessoa ao médico
e farta-se de esperar,
porque os médicos estão a conversar,
e as enfermeiras a coscovilhar.

Se fores a um médico fora,
pensa bem na tua ideia,
porque até vais suar
quando puxares da carteira.

Ana M.^a Machado Fernandes — 11.º ano

Cativar

Cativar, é dar, é amar!

É solidariedade, é verdade!

Cativar?

Nunca ouvi falar!?

Claro!

Ninguém sabe o que é amar!

Ninguém sabe o que é Cativar!

É a continuidade da amizade!

É a verdade!

Rosa Maria — 9.º ano

Composição Satírica à moda dos Trovadores

Vou eu agora contar
Trinta males d'ũa senhor,
diz que sente calafrios
quando alguém lhe pede amor.

«Spere! Spere! Vou-me agasalhar!»
— disse assim p'ra um doutor
que perante tantos calafrios
lhe comprou um aquecedor.

«Minha dama de carmim!
Meu rabinho esquentado!
Não fuja ora de mim».
— disse o médico amado.

O romance teve fim
porque alguém no povoado
diz que que a dama antes do Sim
Ai! Já tinha engravidado!

M.^a Fernanda Maia de Areia — 11.º ano

Crítica aos Políticos

Os políticos na Assembleia,
são todos uns parvalhões,
só sabem prometer coisas
e não resolvem as questões.

Todos sobem as escadas,
com o seu discurso na mão,
e falam e dizem que sim
mas tudo fica em vão.

São todos a mesma jandra,
não nos podemos zangar,
pois eles zangam-se todos
e ao fim vão pró jantar.

Ser político, é bom ofício,
já diziam e com razão
pois para dizer umas tretas,
ganham logo um dinheirão.

Quando vão à televisão,
só dizem mal dos outros,
e por fim chega-se à conclusão
que ainda são piores do que os outros.

Só dizem mal dos outros,
Porque pensam que vão ser eleitos,
mas quando sabem quem ganha
quase se põem de joelhos.

Antes de entrar pró governo,
parecem uns magricelas
mas é vê-los passados meses,
parecem umas rodelas.

E anda o povo a trabalhar,
para esta jandra sustentar
quando na maior parte das vezes,
devia era pô-las a andar.

Os ministros são pessoas,
que mantêm o respeito...
há ministros para tudo
e continua tudo sem jeito.

Ana Maria Machado Fernandes — 11.º ano

O Padre «Puro»

(Um padre é visitado por um demente que não hesita em fazer-lhe todo o tipo de perguntas)

Dem-Ao subir cá para dentro
vi um rapaz a brincar.
Por amor de S. Bento,
como veio cá parar?

Pad-É filho da minha irmã
e tive que o adoptar.
Não esperei p'rá amanhã,
se quero no Céu lá entrar.

Dem-Alguém chora com insistência
que convém ir consolar,
e é na nossa residência,
pois, talvez queira mamar!

Pad-Criança já cá mais existiria,
que te sirva p'ra calar.
Minha sobrinha brinca na vacaria,
são as vacas com ela a brincar.

Dem-Quem é aquele moçatão
que está a arranjar a cancelinha?

Pad-Não vês, meu malucão,
que é filho da minha madrinha!

Dem-Muita nota tem o «senhor»...
como fez p'rá conquistar?

Pad-Se a Deus tens amor,
não mo faças recordar.
Meu paizinho foi pró Céu (?)
e tivemos que herdar.

M.^a de Fátima Martins — 11.º ano

Zé Povinho

Sou um pequeno camponês.
Tenho sempre a minha vez
de exprimir o que sinto.
Toda a vida eu labuto
(trabalho como um bruto)
e sempre a apertar o cinto.

Cuidado com a nobreza,
pois já temos a certeza
de sair tudo errado.
Portugueses, trabalhadores,
cuidado com os senhores
senão voltamos ao passado.

Zé povinho Português
tem razão, mais uma vez,
de não ligar a um «pinto».
Perguntem ao trabalhador,
esse é que tem o valor
e que diga se eu minto.

Vitor Figueiredo — 1.º S.R.P.

Eu quero ser Eu

Eu quero ser eu,
quero partir todas as cadeias que me oprimem.
Ser livre, livre na imensidão do espaço.
Eu queria ter asas mais leves que o vento,
quebrar as correntes do pensamento.
Correr por esses prados,
até cansar as pernas.
Beber água pura das nascentes,
encher os pulmões de ar
e gritar:
EU QUERO SER EU!

Mara Adélia da Costa Rodrigues — 1.º S.R.P.

Poema sem tema

Peguei um papel e um lápis.
Ia fazer um poema!
Mas, qual o tema?
Pus-me a pensar...
Talvez o amor?
Reflecti!...
Que poderei dizer eu do amor
Para além do que já foi dito?
Que casaram, foram pouco felizes
e não tiveram muitos filhinhos?
Não! Do amor não vou falar.
Então de que falarei eu?
Da sociedade moderna?
Não, não vou falar dela.
É contra as normas sociais mentir!
Mas, então como vou fazer um poema?
Sem tema, não o conseguirei.
Vou falar da era espacial?
Não, não posso.
Corro o risco de cair num daqueles buracos
existentes na lua, e se porventura aparecesse
um extra terrestre não podia pedir-lhe socorro:
não sei falar inglês...
Então do que será?
Tem que haver um tema
Para o meu poema.
Eu vou falar de mim.
Eu sou Eu...
Não! Também não é tema
Para o meu poema.
Sem o tema
Não consigo fazer um poema.
Nunca serei poeta!
Como vou achar o poema para o tema?... Oh desculpem.
Estou confusa. Quero um poema.
mas, por falar nisso, sabem qual é o tema deste poema?
Poema sem tema.

ISABEL MARTINS —1.º S. R. P.

INDICE

	Pág.s
Flores	11
Juventude	12
D. Mariquinhas	13
Até onde chega a nossa paciência!	14
Saúde (?)	15
Escravas da Moda	16
Sociedade Podre	17
Apelo a uma prostituta	18
No meu sonho de liberta ansiedade	19
Amor	20
Mal o padre vai para o altar	21
Doente sofre	22
A crítica que vou fazer	24
Meninas-Bem	25
Marcianos	26
A nossa sociedade	27
Hum?	28
Solidão	29
Homens que se dizem santos	30
Abre os olhos Joaquim	31
Senhor Presidente	32
Cá p'ra mim	33
A Sociedade	34
Visão do mundo pela terceira idade	35
Estrela minha	36
O padre e o pecado	37
Crítica aos médicos	38
Cativar	39
Composição satírica à moda dos Trovadores	40
Crítica aos políticos	41
O padre «puro»	43
Zé Povinho	44
Eu quero ser eu	45
Poema sem tema	46

INDICE

10	Poema com tema
11	Em verso soneto
12	São Torquato
13	O padre e o povo
14	Crítica aos políticos
15	Composição sobre a vida dos brasileiros
16	Canção
17	Crítica aos médicos
18	O padre e o peixeiro
19	Temas mistos
20	Estado do mundo para o futuro ideal
21	A sociedade
22	O pai e o filho
23	Reflexão
24	Humor
25	A nossa sociedade
26	Almôndega
27	Além das Beas
28	A crítica que vem daqui
29	Desolação
30	Desolação
31	Além do velho tempo
32	Humor que se chama amor
33	Solitude
34	Humor
35	A nossa sociedade
36	Almôndega
37	Além das Beas
38	A crítica que vem daqui
39	Desolação
40	Desolação
41	Além do velho tempo
42	Humor que se chama amor
43	Solitude
44	Humor
45	A nossa sociedade
46	Almôndega
47	Além das Beas
48	A crítica que vem daqui
49	Desolação
50	Desolação
51	Além do velho tempo
52	Humor que se chama amor
53	Solitude
54	Humor
55	A nossa sociedade
56	Almôndega
57	Além das Beas
58	A crítica que vem daqui
59	Desolação
60	Desolação
61	Além do velho tempo
62	Humor que se chama amor
63	Solitude
64	Humor
65	A nossa sociedade
66	Almôndega
67	Além das Beas
68	A crítica que vem daqui
69	Desolação
70	Desolação
71	Além do velho tempo
72	Humor que se chama amor
73	Solitude
74	Humor
75	A nossa sociedade
76	Almôndega
77	Além das Beas
78	A crítica que vem daqui
79	Desolação
80	Desolação
81	Além do velho tempo
82	Humor que se chama amor
83	Solitude
84	Humor
85	A nossa sociedade
86	Almôndega
87	Além das Beas
88	A crítica que vem daqui
89	Desolação
90	Desolação
91	Além do velho tempo
92	Humor que se chama amor
93	Solitude
94	Humor
95	A nossa sociedade
96	Almôndega
97	Além das Beas
98	A crítica que vem daqui
99	Desolação
100	Desolação

Composto e Impresso
na Tip. Silva Pereira
4700 BRAGA

biblioteca
municipal
barcelos



59549

Poetas? Quantos?